

Ciência Mumificação na Europa será muito mais antiga do que se pensava

Há oito mil anos já havia múmias no vale do Sado

Sepulturas foram escavadas há 60 anos, mas só agora a investigação pôde concluir que os corpos foram preparados antes do enterramento. E tudo graças a três rolos de filme que nunca tinham sido revelados



Lucinda Canelas

Há oito mil anos, a paisagem seria um pouco diferente, mas o rio já lá estava, assim como os cabeços onde os grupos de caçadores-recolectores sepultavam os seus mortos. Fizeram-no em concheiros, espaços repletos de vestígios de alimentos de origem marinha, lugares de vida, mas também de morte, que foram usados ao longo de gerações, sem que as práticas quotidianas colidissem com as funerárias.

A elevada quantidade de sepulturas que se encontra nos concheiros mesolíticos do vale do Sado, absolutamente invulgar em termos europeus, permite que os arqueólogos falem em verdadeiros cemitérios e, a partir de agora, graças a um conjunto de fotografias dos anos 1960 até aqui desconhecidas, de rituais que implicam a mumificação, sugerindo que a integridade do corpo e o local escolhido para o enterrar eram importantes para estas comunidades seminómadas.

“Quando olhamos para estas sepulturas do Sado, que são muito particulares, estamos a olhar para os últimos caçadores-recolectores que viveram no território português, há oito mil anos. São grupos de homens e de mulheres que viviam boa parte do ano nestas zonas perto do rio, que teria uma influência marítima muito maior do que a que têm hoje, o que ajuda a explicar a presença de bivalves na sua alimentação”, diz a arqueóloga Rita Peyroteo-Stjerna, investigadora da Universidade de Uppsala, na Suécia.

Rita Peyroteo-Stjerna faz parte de uma equipa que chegou recentemente à conclusão de que as populações que viviam em Portugal há oito mil anos (o Mesolítico começa há dez mil anos) estão entre as primeiras em todo o mundo a dessecarem os seus mortos antes de os sepultarem.

Num artigo publicado na revista *European Journal of Archaeology*, esta investigadora, que também pertence ao Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, e os colegas – a bioarqueóloga Liv Nilsson Stutz (Universidade de Lineu), a arqueóloga forense Hayley Louise Mickleburgh (Universidades de Lineu e do Texas) e o arqueólogo João Luís Cardoso (Universidade Aberta) – defendem que a mumificação, na Europa, terá sido uma prática muito mais antiga do que se pensava.

“O que dizemos, e pela primeira vez no contexto do Mesolítico europeu, é que estas populações já estavam preocupadas com a forma como o corpo ia a enterrar e recorriam à dessecação através da mumificação para manter a sua integridade anatómica”, explica. Na Europa, os testemunhos de mumificação mais antigos que se conheciam, até aqui, eram de há três mil anos.

“Conhecem-se exemplares com sete mil anos no deserto do Atacama, no Chile, que ainda têm tecidos moles porque o clima árido atrasa o processo de decomposição natural do corpo e permite a sua preservação. Na Europa, o clima temperado torna-a muitíssimo rara. A nossa interpretação é que, nos concheiros do Sado, pelo menos alguns dos indivíduos foram alvo de um processo de mumificação simples, [que é] acompanhado, antes

de serem enterrados, embora no esqueleto não haja vestígio de tecidos moles”, explica a arqueóloga portuguesa, que vive na Suécia há já dez anos e que, por hábito, trabalha com materiais que estejam já à guarda de museus, estudando-os no laboratório de ADN antigo do Departamento de Biologia e Evolução Humana da Universidade de Uppsala.

Falar de múmias na pré-história é um desafio para os investigadores, porque é muito complicado detectar se um corpo foi preservado através da mumificação não havendo vestígios de carne, digamos assim, quando os arqueólogos põem o esqueleto a descoberto. E sem eles é difícil demonstrar que o corpo foi tratado, ou, neste caso, seco, logo após a morte.

“Nos concheiros do Sado os indivíduos estão completamente esqueletizados, o que significa que já não têm uma aparência mumificada”, clarifica Rita Peyroteo-Stjerna. “O que podemos dizer, no entanto, é que estes são os primeiros corpos humanos conhecidos a terem sido mumificados.”

Fotografias perdidas

O estudo agora divulgado teve como ponto de partida uma descoberta algo inusitada. João Luís Cardoso, professor de pré-história com ampla experiência em escavações, encontrou no arquivo pessoal do arqueólogo Manuel Farinha dos Santos (1923-2001), que está à sua guarda, três rolos de filme por revelar, contendo fotografias de sepulturas dos concheiros de Arapouco e de Poças de São Bento, ambos no vale do Sado, datadas das campanhas de campo feitas nos anos 1960 sob orientação de Manuel Heleno, então director do Museu Nacio-

nal de Arqueologia (MNA).

Reveladas as fotografias e combinada a informação que continham com a de cadernos de campo, desenhos e plantas do sítio de há 60 anos, a equipa conseguiu reconstituir a distribuição das sepulturas nos concheiros e depois analisou em detalhe cada uma delas, nalguns casos cruzando os métodos da arqueotanatologia com dados e observações saídos das experiências forenses realizadas na Universidade do Texas por Hayley Louise Mickleburgh, destinadas a perceber, por exemplo, se na mumificação natural há padrões de decomposição e dispersão dos ossos de acordo com o sedimento das sepulturas (no caso dos concheiros, é areia).

A arqueotanatologia, que pressupõe conhecimentos de anatomia e de tafonomia (o estudo dos processos que ocorrem após a morte de um organismo até à sua fossilização), tem por objectivo, explica a investigadora, reconstituir práticas funerárias do passado partindo da observação dos restos humanos em contexto arqueológico. “Neste caso, a observação foi feita, apenas, a partir de fontes documentais.”

Idealmente, explica Rita Peyroteo-Stjerna, esta análise é feita no terreno de forma muito pormenorizada, conjugando dados vários: a posição, a orientação e a profundidade a que se encontra cada osso. Ora, isso já não é possível neste caso, uma vez que as ossadas dos indivíduos estudados já se encontram à guarda do MNA, uns soltos, em caixas, já totalmente distanciados do contexto de enterramento, e outros mantendo ainda a configuração que os arqueólogos encontraram ao escavar, conservados



A atenção que é dada ao morto, o cuidado com que é tratado não é uma coisa moderna, mas decorre de uma emoção primária que mexe com as comunidades humanas há milhares de anos

Rita Peyroteo-Stjerna
Arqueóloga





em blocos de cera de parafina.

Para este estudo foram analisados 13 indivíduos, oito do concheiro de Arapouco e cinco do de Poças de São Bento, e constando dos rolos de película recentemente redescobertos, o primeiro com fotografias de 1962, o segundo de 1960. Objectivo? “Identificar os efeitos de um processo de decomposição natural na sepultura de modo a reconstituir as práticas humanas”, pode ler-se no artigo.

Apesar das limitações das fotografias tiradas há mais de 60 anos – são poucas, faltam planos fechados que mostrem pormenores e algumas foram tiradas a partir de ângulos oblíquos, o que distorce algumas das distâncias que seria pertinente avaliar –, a sua informação foi muito útil à investigação, garante a arqueóloga.

Os especialistas concluíram que, em ambos os concheiros, os cadáveres foram depositados em posições contraídas em covas exiguas e imediatamente cobertos de areia, isto enquanto ainda mantinham a sua integridade anatómica. Em Arapouco são sepultados maioritariamente de costas, ao passo que em São Bento estão de lado. Mas, enquanto a maioria das sepulturas estudadas apresenta características muito semelhantes às dos outros concheiros do vale, há duas que se destacam pela sua singularidade.

Os investigadores chegaram à conclusão de que os corpos tinham sido preparados antes de serem sepultados de maneira até aqui desconhecida. Os membros estão de tal forma flectidos que, o mais provável, é que os cadáveres tenham sido colocados naquela posição com recurso a cordas ou faixas de que hoje já não há vestígios.

“Há um padrão de hiperflexão extrema nestes corpos. As pernas estão flectidas contra o peito e os braços sobre o abdómen. O corpo pode, até, ter ficado atado para manter esta posição hiperflectida durante a mumificação e, depois, ter sido sepultado já sem as cordas”, estima a arqueóloga portuguesa.

É precisamente a posição do corpo e o facto de conservar ainda algumas das articulações mais frágeis, como as dos pés, que levam os autores a defender que os cadáveres foram dessecados através de um processo de mumificação antes de serem enterrados.

“A manipulação do corpo durante a mumificação permitiria manter a integridade anatómica do esqueleto e garantiria a posição pretendida do corpo.” A equipa de Stjerna avança como hipótese que o tratamento aplicado por estes Homens do Mesolítico aos cadáveres pré-enterramento passaria por deixar o corpo a curar (a secar ao calor do fogo ou do sol), muito possivelmente num local diferente do da sepultura.

Cuidar dos mortos

As experiências forenses de Mickleburgh mostraram que toda a preparação do corpo e a secagem dos seus tecidos moles terá exigido o envolvimento de um ou vários membros destes grupos seminómadas durante semanas ou, até, meses.

A mumificação natural (dessecação dos tecidos moles) ocorre, explicam os autores no artigo da *European Journal of Archaeology*, quando a perda de água do corpo (secagem) é mais rápida do que a actividade das enzimas (proteínas que controlam as reacções do organismo).



“Um ambiente quente e seco, com ar sempre a circular, seria o ideal para garantir uma dessecação natural eficaz. Os membros do grupo encarregados deste processo poderiam construir, também, uma estrutura em madeira, por exemplo, para elevar o corpo do chão, permitindo que os líquidos escorressem mais facilmente e impedindo que ficasse em contacto directo com a terra, cujos elementos poderiam acelerar a decomposição”, explica ainda a arqueóloga portuguesa que trabalha na Suécia.

Este processo de mumificação poderia exigir, também, que o cadá-

Registo da experiência de redução do volume dos tecidos moles durante a mumificação vigiada: este corpo doado à ciência, mantido em posição flectida graças a fitas, é aqui mostrado no dia 1 (esq.) da experiência, passadas três semanas (centro) e ao fim de sete meses; escavação de concheiro do Sado em 1962; e Rita Peyroteo-Stjerna

o fumo afugenta os insectos.”

E porque, à medida que seca, o cadáver perde volume, este processo de mumificação exigiria também que, de tempos a tempos, as cordas ou faixas fossem ajustadas para manter a tensão e, assim, assegurar que o indivíduo permanecia na posição flectida pretendida.

“Já dessecado, o corpo ficaria mais leve e, assim sendo, mais fácil de transportar. Isto também nos diz que manter a integridade do corpo era importante para estas comunidades e que o local escolhido para a sepultura tinha um significado especial, embora não saibamos qual é.”

Os arqueólogos não sabem ainda como se transformaram estes concheiros em locais de enterramento, nem sequer se o sítio de habitat e o de sepultura são contemporâneos, mas estão certos de que o seu uso foi continuado. E se dúvidas houvesse quanto aos laços entre os membros destes grupos de caçadores-recolectores, este estudo mostra-nos que “a atenção que é dada ao morto, o cuidado com que é tratado não é uma coisa moderna, mas decorre de uma emoção primária que mexe com as comunidades humanas há milhares de anos”, conclui Rita Peyroteo-Stjerna. “Os cemitérios seriam uma tentativa de reter o corpo num lugar identificável – ainda hoje são – e a mumificação seria a tentativa de o manter numa forma reconhecível. Também não é descabido pensar que o processo de mumificação acompanhado faria parte do luto que se segue à perda de alguém, como um velório. O mumificado fica, por assim dizer, entre os vivos e os mortos.”